

RIO DE JANEIRO

Um estudo da empresa Bateiah, composta por duas frentes de pesquisa, o Informa e o Renoma, aponta uma grande disparidade comportamental em relação à pandemia da covid-19 entre moradores de bairros de alto e baixo poder aquisitivo da cidade do Rio. Segundo a pesquisa, 60,8% dos moradores de cinco bairros da Zona Sul acham que seus vizinhos não respeitam as restrições da prefeitura no combate ao coronavírus, enquanto na Zona Oeste esse percentual cai para 54,6% entre os moradores de quatro bairros com renda familiar mais baixa. No entanto, apenas 11,8% dos entrevistados na Zona Sul admitem ir à rua para atividades não essenciais. Na Zona Oeste, são 18,9%.

O sociólogo, diretor e presidente da Bateiah, Fabio Gomes, ressalta a diferença da comparação comportamental entre os bairros. “O que mais me chama atenção é quando a gente pergunta se os vizinhos estão respeitando. Você vê que 60% na Zona Sul dizem que não e 54,6% na Zona Oeste dizem que não. Sendo que a média de 15% diz que não está saindo para eventos não essenciais, mas 60% dos vizinhos desrespeitam. Você tem uma coisa curiosa que ‘na minha casa está tudo certo, mas na do vizinho não está’. Tem uma proporção muito grande das pessoas que observam o vizinho, isso é uma forma de comparar o comportamento de fato das pessoas”, afirmou.

O contraste entre a proporção dos que dizem respeitar e os que observam os vizinhos é gritante. De uma forma geral, independentemente do perfil,

**A incidência de saídas para atividades não essenciais é menor entre os mais velhos**

observa-se uma diferença significativa entre o percentual dos que não saem para atividades não essenciais, os que concordam com a prefeitura, e os que afirmam que os vizinhos não respeitam as regras.

“Algumas pessoas estão respeitando, outras não. Por exemplo, existem restaurantes em que as pessoas estão sentadas, respeitando, estão espaçadas, tudo certinho. Mas a maioria dos restaurantes, dos bares está lotada, não tem espaçamento entre as mesas, tem gente em pé aglomerando para poder entrar. As pessoas andando na rua, fazendo atividade física na praia, não botam máscara. Por mais que esteja proibido, não está lotado, mas ainda têm pessoas indo para a praia e ficando deitadas na areia”, criticou o morador do Leblon, Raphael Mariz, de 24 anos, sobre o comportamento dos moradores do bairro da Zona Sul.

A pesquisa aponta que, quanto ao hábito de saída para atividades não essenciais, o percentual dos que saem é sensivelmente maior na Zona Oeste. E, entre os mais velhos, a incidência de saídas não essenciais é menor.

“A população, de forma geral, nem mesmo adotou o uso de máscaras, principalmente se for para pequenos deslocamentos, como ir até a esquina comprar pão. Aqui em Campo Grande, existem ruas famosas por concentrarem grandes quantidades de bares e restaurantes. Ruas inteiras cheias de pessoas em que não passam carros”, contou Gustavo Oliveira, de 23 anos, morador do bairro de Campo Grande.

Estagiária Karen Rodrigues, sob supervisão de Yuri Hernandez

# COMPORTAMENTOS DIFERENTES

Pesquisa constata que moradores da Zona Sul do Rio veem mais desrespeito dos vizinhos às restrições de combate à pandemia do coronavírus que os da Zona Oeste

FOTOS REGINALDO PIMENTA



Orla da Zona Sul com grande movimento mesmo num momento de preocupação com a covid



Grande número de pessoas circula pelo calçadão de Campo Grande: na Zona Oeste, 54,6% acham que os vizinhos não respeitam as regras



**Você tem uma coisa curiosa que ‘na minha casa está tudo certo, mas na do vizinho não está’”**

FABIO GOMES, sociólogo

## Homens saem mais para trabalhar

Os dados da pesquisa não mostram diferença significativa da proporção de pessoas que saem para trabalhar na Zona Sul ou na Zona Oeste. Cabe destacar que o risco de contaminação pela covid dos moradores da Zona Oeste tende a ser maior, uma vez que a chance de utilização de transporte público também é maior.

“É um bairro (Campo Grande) onde a maior parte dos serviços é de comércio. Então, sim, a

maior parte das pessoas trabalha normalmente. O fluxo só diminuiu próximo aos shoppings centers”, confirmou Gustavo Oliveira.

No Rio, independentemente da região de moradia, a frequência de pessoas que saem para trabalhar é mais intensa entre os homens. Observa-se também que, quanto mais jovem o entrevistado, maior a chance de sair para desenvolver alguma atividade.

“Sair para trabalhar você não vê uma diferença muito grande entre os extremos,

mas você observa que um pouco mais da Zona Oeste está saindo mais para trabalhar. Se você faz o corte desse comportamento em relação ao gênero, você vê uma diferença significativa. Homens saem mais para trabalhar dependendo da região. Num corte em relação à idade, você vê que, quanto mais jovem, mais sai para trabalhar. A renda não explica os extremos, mas a idade e o gênero sim”, afirmou o sociólogo Fabio Gomes.

## DURA REALIDADE

### Queda da renda familiar

Na pesquisa, é destaque a sensação de que o ganho mensal familiar diminuiu. Na Zona Sul, 9,8% dizem que houve um aumento do ganho financeiro. Já na Zona Oeste, 9,5%. No entanto, a diminuição do rendimento nas duas regiões teve um percentual maior que 60%. No caso da família do Raphael Mariz, morador da Zona Sul, a renda se manteve: “A minha família é médica, então mantiveram os empregos”.

A pesquisa ressalta que é tendencialmente maior a sensação de que viver ficou mais caro entre as pessoas de renda mais baixa. “A percepção sobre os preços distingue pouco os públicos. Tanto a Zona Oeste quanto a Zona Sul disseram que realmente ficaram mais caros”, informou Fábio Gomes.

Ele aponta que o impacto da pandemia foi muito maior nas famílias de baixa renda: “De qualquer forma, tem a percepção de que o custo de vida aumentou, mas o que é mais gritante é que, para a família pobre, a subsistência está sendo impactada, as pessoas já estão percebendo os efeitos da fome”.

Apesquisa ouviu 208 pessoas nos bairros do Leblon, Jardim Botânico, Ipanema, Lagoa, Bangu, Realengo, Santa Cruz e Campo Grande, em 30 de março. A base do cálculo amostral foram os dados do IBGE, estruturados em setores censitários.